

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**GARIMPANDO MEMÓRIAS:  
PRIMÓRDIOS DA GINÁSTICA RÍTMICA NO RIO GRANDE DO SUL**

Daniela da Natividade

PORTO ALEGRE  
NOVEMBRO DE 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**GARIMPANDO MEMÓRIAS:  
PRIMÓRDIOS DA GINÁSTICA RÍTMICA NO RIO GRANDE DO SUL**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como requisito final para obter  
o título de Bacharelado em Educação Física  
pela Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul – UFRGS.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvana Vilodre Goellner**

PORTO ALEGRE  
NOVEMBRO DE 2010

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que participaram deste trabalho, em especial a doutoranda Johanna Coelho, uma pessoa muito especial, que se mostrou disponível desde o início e muito interessada na realização do meu trabalho, assim me auxiliando na pesquisa e em questões sobre a GR, uma pessoa apaixonada pela modalidade, me ajudando e disponibilizando todos os contatos necessários para a realização do mesmo, obrigada por toda atenção, carinho e muita paciência.

Agradeço a professora Silvana Goellner, pelo voto de confiança e por ter confiado compreendido e acreditado na minha capacidade e apesar de toda sua responsabilidade como professora dessa grande Universidade mostrou se disponível.

Agradeço aos funcionários do Centro de Memória do Esporte desta universidade, em especial ao meu colega e amigo Marcola, que me auxiliou em diversos momentos de dúvidas e me apoiou, meu muito obrigada.

Agradeço as grandes técnicas e ginastas que disponibilizaram toda suas vivências, materiais e suas memórias para que esse trabalho fosse realizado.

Agradeço aos meus amigos, colegas por todas as trocas de experiências durante todo curso e pela compreensão muitas vezes por eu estar ausente em muitos momentos.

Agradeço finalmente a minha a família, pela paciência, amor e conforto durante toda a minha existência, e nos momentos de incertezas e tristezas durante essa pesquisa. Agradeço em memória a minha mãe uma grande mulher que não esteve junto a esse processo final, mas enquanto estava presente foi a maior excelência como pessoa, obrigada por toda a educação e por ter me proporcionado ter chegado até aqui.

A todos meu muito obrigada.

## RESUMO

A Ginástica Rítmica é um esporte oficialmente praticado somente por mulheres, desde o final da Iª Guerra Mundial, porém sem as regras e os métodos específicos que conhecemos hoje. Ao longo de sua evolução, diferentes correntes pedagógicas e importantes professores contribuíram para o desenvolvimento da modalidade. No Brasil a Ginástica Rítmica vem sendo desenvolvida desde 1953 quando Chegou ao país a professora austríaca Margareth Frohlich. No mesmo ano a também recém chegada Ilona Peuker funda o Grupo Unido de Ginastas (GUG) no estado do Rio de Janeiro, que tinha como objetivo auxiliar no processo de massificação da modalidade pelo país. No RS temos poucos trabalhos publicados sobre o início dessa prática. Buscando reconstruir essa história, esse trabalho utiliza-se do aporte teórico e metodológico do projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte buscando dar voz às protagonistas responsáveis pela difusão da GR em nosso estado. Como parte das informações pesquisadas, podemos levantar espaços em que a modalidade era praticada e apontar especificidades dos anos de 1972 a 1979, ajudando o projeto Garimpendo Memórias a continuar contando as muitas histórias dos esportes e práticas corporais no RS.

**Palavras – chave:** Ginástica Rítmica; História; Rio Grande do Sul

## ABSTRACT

Rhythmic Gymnastics is a sport practiced officially only by women since the end of World War I, but without the rules and the specific methods that we know today. Throughout its evolution, different pedagogical lines and important teachers contributed to the development of the sport. In Brazil, the Rhythmic Gymnastics has been in development since 1953 when the Austrian teacher Margaret Frohlich arrived at the country. The same year the newcomer Ilona Peuker also founded the Grupo Unido de Ginastas (GUG- United Group of Gymnasts) in Rio de Janeiro, which aimed to assist in the process of mass sport in the country. In the RS there are few papers on the initiation of this practice. Seeking to reconstruct this history, this essay makes use of the theoretical and methodological of the Garimpando Memórias project of the Centro de Memória do Esporte (Panning Memory project of Sports Memory Center) seeking to give voice to the protagonists responsible for the spread of Rhythmic Gymnastics in our state. As part of the surveyed information, we can raise the spaces where the sport was practiced and point specificities of the years 1972 to 1979, helping the project Panning Memories to continue telling the many stories of sports and bodily practices in RS.

**Keywords** - Rhythmic Gymnastics; History; Rio Grande do Sul

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	APROXIMAÇÕES TEÓRICAS.....	9
	2.1 GARIMPANDO MEMÓRIAS.....	9
	2.2 CARACTERIZAÇÕES DA MODALIDADE.....	10
	2.3 APONTAMENTOS HISTÓRICOS: UM POUCO SOBRE A GR NO BRASIL E NO MUNDO.....	12
3	DECISÕES METODOLÓGICAS.....	19
4	PROTAGONISTAS DO INÍCIO DA PRÁTICA DA GR NO RS.....	23
5	COMPETIÇÕES, REGRAS, APARELHOS E MÚSICAS DE 1972 A 1979.....	33
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
	REFERÊNCIAS.....	43
	APÊNDICE-A: ENTREVISTA ZELIRA MENDES EICHENBERG.....	45

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho refere-se ao resgate da memória da ginástica rítmica (GR) no estado do Rio Grande do Sul, mostrando de que maneira a GR iniciou em nosso estado, dando voz e visibilidade às primeiras técnicas, as quais foram as responsáveis pela expansão e pela divulgação dessa prática no nosso estado.

A ideia de escrever sobre o tema ginástica rítmica surgiu de minhas experiências durante a minha pré-adolescência. Apesar de não ter praticado em nível de competição, sempre tive grande interesse por essa modalidade, acompanhando assim as competições e notícias através da mídia. Ao escolher o tema GR para esse trabalho, surgiu a ideia de reconstruir fragmentos da história da ginástica rítmica dentro do estado do Rio Grande do Sul e um dos motivos da escolha do assunto do trabalho foi por perceber a escassez de referências sobre o tema principalmente no âmbito do nosso estado.

A partir de meu interesse e da justificativa acima, proponho como objetivo para este trabalho: analisar as práticas de ginásticas rítmicas na década de 70 no RS, período em que se inicia a prática no estado. Como questões de pesquisa, temos: Que pessoas tiveram destaque no período citado? Quais os espaços e a qual público se destinavam as aulas?

Este trabalho está dividido em 06 capítulos assim divididos: Capítulo 02: Será apresentado as aproximações teóricas. Inicialmente farei uma caracterização da modalidade segundo a FIG (Federação Internacional de Ginástica) e alguns autores que escreveram sobre esse tema. Em seguida, exploraremos um pouco da história da GR no mundo, como foi criada, e quais foram suas influências mais significativas, para a consolidação da prática como esporte que conhecemos atualmente. No capítulo 3 de decisões metodológicas, será apresentada a forma como esse trabalho foi realizado, descrevendo as opções metodológicas. Foram realizadas entrevistas e utilizei os materiais do acervo do Centro de Memória do Esporte

(CEME/ESEF/UFRGS). Textos, jornais, documentos e livros até então publicados sobre assunto também foram utilizados para enriquecer as análises. Buscando reconstruir essa história, esse trabalho utiliza-se do aporte teórico e metodológico do projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte buscando dar voz às protagonistas responsáveis pela difusão da GR em nosso estado.

Os capítulos seguintes referem-se às análises e estão assim divididos: Capítulo 4: Protagonistas do início da prática da GR no RS, Capítulo 05: espaços, regras, aparelhos e músicas de 1972 a 1979, no Capítulo 6: as considerações finais do trabalho finalmente o apêndice que está uma das entrevistas transcritas que foi construída através deste trabalho e ficará disponibilizado no Centro de Memória do Esporte juntamente com as demais e o material digitalizado para outras pessoas interessadas em pesquisas futuras sobre o assunto.

Assim organizado e descrito este trabalho, passo diretamente ao primeiro capítulo apresentando as aproximações teóricas.



## 2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

### 2.1 GARIMPANDO MEMÓRIAS

O Projeto Garimpendo Memórias integra, desde o ano de 2003, as atividades desenvolvidas pelo Centro de Memória (CEME) da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF-UFRGS). O Projeto tem como objetivo geral

A reconstrução e preservação da memória das práticas corporais e esportivas do Rio Grande do Sul através da coleta de depoimentos de pessoas que tiveram e tem relevância no campo da estruturação e legitimação dessas práticas sejam elas individuais, de grupos/clubes sociais e de instituições. Goellner et al (2007, p. 56)

O Garimpendo tem como objetivos, também, organizar um acervo de história oral a partir das entrevistas realizadas com pessoas cujas memórias nos dizem sobre os primórdios do esporte, do lazer, da dança e da educação física no Rio Grande do Sul; sistematizar essas entrevistas de forma a constituir este acervo a ser disponibilizado à consulta *in loco* e via recursos computacionais: *on-line* na *home-page* do Projeto servindo como fontes para pesquisas que abordam esses assuntos. Para complemento e enriquecimento das informações disponibilizadas, são digitalizados documentos.

Após a coleta e organização do material, são organizados: cursos, exposições, mostras fotográficas sobre a história do esporte, lazer, da educação física e da dança no Rio Grande do Sul. Desta maneira não apenas divulgar esse material. Mas mostrar a *“importância da preservação da memória como um dos elementos da construção da cultura e da identidade de sua cidade e das pessoas que nela vivem”*.

Este trabalho será parte do Projeto Garimpando Memórias, coletando, criando e organizando materiais que serão utilizados posteriormente por pesquisadores interessados na memória do início da Ginástica Rítmica no Rio Grande do Sul.

## 2.2 CARACTERIZAÇÕES DA MODALIDADE

Através de sua página eletrônica<sup>1</sup>, a FIG (Federação Internacional de Ginástica) define a GR como uma *"arte dinâmica, criativa, natural, orgânica com movimentos de características próprias diferentes de outras escolas de expressão corporal"*. A ginástica rítmica é considerada uma modalidade esportiva feminina, pois no nível competitivo é praticado somente por mulheres. *"É um esporte arte que empolga, motivado pela competição e desejo de chegar à perfeição"* (MOLINARI, 2004).

A Ginástica rítmica passou por uma série de transformações com o passar das décadas, que acabaram por torná-la um esporte plástico, estético, complexo que se diferencia e se destaca por sua elegância e beleza de seus movimentos. Essa modalidade esportiva possui uma grande adversidade de movimentos corporais e tem o objetivo desenvolver o corpo em sua totalidade. Traz-nos (MOLINARI, 2004, s.p.) que a Ginástica Rítmica:

*"É fundamentada no aprimoramento dos movimentos naturais do ser humano, no aperfeiçoamento de suas capacidades psicomotoras, no desenvolvimento das qualidades físicas e do ritmo, podendo também ser considerada como uma forma de trabalho físico, artístico e expressivo."*

Segundo Garcia e Marconato (2005 p. 25) muitos desses movimentos foram fundamentados na dança (locomoções transferências, giros, saltos e quedas), estes então são realizados em sintonia com a música, podendo utilizar ou não aparelhos:

---

<sup>1</sup> Disponível em: [www.cdof.com.br/esportes4.htm](http://www.cdof.com.br/esportes4.htm). Acesso em 27 de maio de 2010

arco, bola, corda, fita e maçãs (os aparelhos devem seguir normas em relação a tamanho, peso e dimensão). Esses movimentos possuem em sua estrutura uma educação de impulsos, transferências e direções, exige ritmo e grande fluência; permitindo assim uma boa execução dos mesmos.

A Ginástica Rítmica baseia-se não só na execução correta dos movimentos, mas também na graciosidade das atletas. Segundo Pallarés (1983, p.21) as execuções de movimentos em séries que formam as composições, solicitam dos praticantes a aplicação das formas assimiladas em produções criativas, aonde a ginasta vai demonstrar sua capacidade e suas valências físicas, assim como seu domínio dos fundamentos, criando um alto grau de exatidão na realização das composições, as quais devem possuir uma Assimilabilidade entre o ritmo do movimento e o ritmo musical, reproduzindo uma harmonia natural e fluente.

Todos os elementos são associados entre si juntamente com o manejo dos aparelhos o que torna a atividade muito atraente e satisfatória aos que assistem, podendo a série ser realizada em conjunto ou individual. A prática oficial é realizada em uma quadra de tapete com amortecimento de impacto medindo 13 x 13 metros. Neste espaço, as ginastas executam suas composições.

*“Avaliando as composições, existe uma banca de arbitragem que fundamentada no Código de Pontuação, auferir as notas e determina o resultado das competições.”* Alonso e Ingeborge(2006,p. 226). Em composições de conjunto, a pontuação final não é contabilizada individualmente e sim da prestação de todas. Os fundamentos devem ser trabalhados de forma unida e coesa entre as ginastas.

O código de pontuação é regido pela FIG, o qual é atualizado a cada ciclo olímpico, ou seja, de quatro em quatro anos, com o objetivo de acompanhar a evolução do esporte. Essas mudanças têm o objetivo de acompanhar as mudanças técnicas e táticas da modalidade com a intenção de proporcionar a objetividade durante o julgamento do esporte. Mesquita apud Santos (2008, p.71).

Como sugere Mesquita:

O esporte evoluiu e as normas também, a técnica do movimento é priorizada e julgada, delimitou-se o esporte ao âmbito do esporte, [...] isto quer dizer, a técnica do movimento deve ser julgada e a Arte do Movimento deve ser apreciada, porém, não cerceada pelo espaço da obrigatoriedade. (2008, p.71)

### 2.3 APONTAMENTOS HISTÓRICOS: UM POUCO SOBRE A GR NO BRASIL E NO MUNDO

Segundo Garcia e Marconato (2005 p. 26) a ginástica já era uma modalidade praticada desde o final da I Guerra Mundial, porém sem regras e métodos específicos que conhecemos hoje. Durante esse período muitas escolas praticavam a ginástica artística, e foi juntando essa ginástica com a música, que surgiu a exigência de um ritmo das ginastas durante a execução de seus movimentos, tornando mais próxima do que conhecemos atualmente como ginástica rítmica.

Essa prática é reconhecida pelas correntes: Ginástica Rítmica Desportiva, Ginástica Rítmica Moderna, Ginástica Feminina Moderna e Ginástica moderna. Na ginástica rítmica, segundo Peuker (1974) poderemos identificar, durante sua evolução, pelo menos quatro correntes que influenciaram na formação do conjunto de atividades ginásticas a qual veio a ser dominada Ginástica Moderna na época. As correntes seriam: corrente pedagógica; corrente da arte cênica; a da dança e a corrente da música. Dentro dessas correntes alguns estudiosos e personalidades se destacaram por terem contribuído para consolidação e desenvolvimento da GR, entre eles podemos destacar os seguintes nomes:

- Corrente pedagógica: Pestalozzi, suíço (1746-1827); Guts Muts, austríaco (1759-1839) e Per Henrik Ling, sueco(1776-1839);

- Arte cênica: François Delsart, francês (1811-1871); Genevieve Stebbins, americana; Hedwig Kallmeyer, alemão (1864-1960);

- Corrente da dança: Isadora Duncan, americana(1878-1927), Rudolf Laban,

austríaco (1879-1958) e;

- Corrente da música: Jaques Dalcroze, alemão (1865-1950) e Rudolf Bode, alemão (1881-1971).

Através desses estudiosos e personalidades e da implantação de suas idéias, foi gerada uma transformação que, apesar de lenta acabou sedimentando-se, determinando modificações na linha de pensamento, ciência, filosofia, literatura, arte, música, teatro, educação e na ginástica da época.

Segundo Pallarés:

“A ginástica, que até então não passava de exercícios físicos comandados, apenas com vistas á parte corporal, desperta para o aspecto psico-físico; o homem é, nessa transição, considerado em sua totalidade: corpo, espírito e intelecto; a Educação Física tem ação no crescimento do ser humano em sua integralidade psico-física e social. (1983, p.10)”

Como resultado de todas essas modificações desse movimento intelectual, surge a ginástica rítmica, que foi considerada por seus adeptos e preconizadores, uma arte de expressão corporal. Internacionalmente a primeira vez que se falou em Ginástica Rítmica foi em 1948, quando ocorreu uma competição da modalidade na antiga Rússia. Nesse mesmo ano realizaram-se as Olimpíadas de Londres onde a Ginástica Rítmica participou como esporte de demonstração porque oficialmente não era considerada uma modalidade olímpica.

Foi no ano de 1984, que a GR foi reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional como modalidade de esporte oficial dos Jogos Olímpicos de Los Angeles através da competição individual. Contudo ocorreu um boicote dos países do Leste Europeu liderado pela União Soviética, portanto esses países não participaram da competição, esse acontecimento causou a ausência das melhores ginastas do mundo nos Jogos. A primeira medalha olímpica foi conquistada pela atleta canadense Lori Fung. Desde então a GR faz parte do quadro de modalidades

olímpicas<sup>2</sup>. Mas foi somente nos Jogos de Atlanta de 1996 que aconteceu a introdução pela FIG da competição de conjunto na Ginástica Rítmica, sendo a Espanha a primeira a conquistar a medalha olímpica desta categoria (GARCIA E MARCONATO, 2005 p. 27).

Segundo Alonso e Ingeborge (2006,p.226) No Brasil a Ginástica Rítmica vem sendo desenvolvida desde 1953. Chegou ao Brasil pela professora austríaca Margareth Frohlich, que veio para ministrar aulas de Ginástica Feminina Moderna no III Curso de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico, promovido pelo Estado de São Paulo. Margareth Frohlich teve como assistente a professora Erica Sauer (escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, atual Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Érica Sauer publicou um livro de cunho didático que foi de grande utilidade para auxiliar os professores a ministrar aulas de GR nas escolas. Érica participou de cursos de especialização na Alemanha, ajudando posteriormente a divulgar e incentivar cursos de graduação de Ginástica Moderna dentro das universidades de educação física do Brasil.

No mesmo ano de 1953 também chegou ao nosso país, a Húngara Ilona Peuker, que fundou o Grupo Unido de Ginastas (GUG) no estado do Rio de Janeiro onde morou. O GUG realizava apresentações por diversos estados do país com o intuito de divulgar ainda mais a modalidade dentro do país, o grupo era formado por suas melhores alunas de Ginástica Feminina Moderna da época (MARCONATO, 2004, p.33). Ilona realizou estudos sobre a teoria da ginástica, publicando posteriormente livros sobre o assunto: Ginástica com Aparelhos e Ginástica sem Aparelhos.

Segundo Peuker (1974, p.20) a ginástica teve sua implantação no Brasil devido a diversos cursos que foram ministrados em vários estados do país, "São administrados em diversos Estados, sob a forma de ano letivo ou sob forma de um

---

<sup>2</sup> Disponível em: [www.cbginastica.com.br](http://www.cbginastica.com.br). Acesso em: 27 de maio de 2010

curso intensivo, de duração limitada. A finalidade desses cursos é introduzir a Ginástica Moderna ou desenvolvê-la e melhorá-la, onde já está conhecida” (p.21) em segundo lugar foi pela modalidade ter sido requisito obrigatório nos cursos das Escolas de Educação Física. Conseqüentemente, em alguns anos, a modalidade começou a ser lecionada nas escolas primárias e secundárias e em clubes como atividade esportiva.



**Figura 01:** Curso de verão ministrado pela Professora Ilona Peuker na Escola de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, 1954.

**Fonte:** <http://www.ilonapeuker.com.br>

As demonstrações realizadas pelo GUG e outros grupos tinham a finalidade de promover a modalidade e mostrar o valor absoluto do esporte.

Hoje em dia as demonstrações de Ginástica Moderna são muito populares, tanto no nível escolar quanto no nível de elite. A finalidade das demonstrações é promover a Ginástica Moderna e de fazer conhecer o valor absoluto deste desporto essencialmente feminino, dentro da cadeira da Educação Física. (p.21)

Em seus trabalhos o GUG além de utilizar os aparelhos convencionais da modalidade (corda, arco, bolas, maçãs e fitas) usava outros instrumentos típicos da cultura brasileira (pandeiros, agogôs, reco-recos) que eram combinadas com o acompanhamento musical do piano. Alonso e Ingeborge (2006,p.226).



**Figura 02:** Conjunto de Pandeiro. Rio de Janeiro, 1970.

**Fonte:** <http://www.ilonapeuker.com.br>



**Figura 03:** Demonstração no I Festival de Ginástica. São Paulo, SP, 1962.

**Fonte:** <http://www.ilonapeuker.com.br>

Daisy Barros foi aluna de Ilona que mais se destacou, em 1967 Daisy participou representando o Brasil no III Campeonato Mundial de Ginástica, na



categoria individual realizado em Copenhagem na Dinamarca. Garcia e Marconato (2005, p.33). Foi em 1973 que o Brasil participou pela primeira vez do Campeonato Mundial de Ginástica, participando da categoria conjunto, onde Daisy era uma das integrantes e a técnica era Ilona Peuker.



**Foto 04:** Daisy Barros, do GUG, apresentando-se em série de mãos livres. Copenhagem, Dinamarca, 1967.

**Fonte:** <http://www.ilonapeuker.com.br>

No ano de 1968, a Federação Metropolitana de Ginástica do Estado do Rio de Janeiro, hoje Federação do Estado do Rio de Janeiro (FGERJ), agregou a Ginástica Moderna, sendo a primeira Federação estadual brasileira a ter a GR em suas modalidades, começando assim a organizar competições. Em 1969, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e o Departamento de Educação Física e Cultura (DED) incluiu a competição na Ginástica Feminina Moderna dentro dos Jogos Escolares Brasileiros (JEBs). O primeiro JEBs foi realizado em Niterói no estado do Rio de Janeiro, tendo como campeã o estado do Rio de Janeiro.

Para Peuker (1974)

A finalidade dos campeonatos é motivar o trabalho,

educar a ginasta e elevar sua técnica. São frequentemente realizados com a participação dos colégios (Jogos Estudantis), Universidades (Jogos Universitários) e Clubes (Campeonatos Estaduais e Nacionais). (p.21)

O GUG organizou com o auxílio da Federação Carioca de Ginástica e SEED/MEC, o I Festival Internacional de Ginástica Moderna, na cidade do Rio de Janeiro em 1970, esse festival marcou o início dos eventos internacionais de GR no Brasil. Contudo o primeiro campeonato Brasileiro da modalidade realizou-se no ano seguinte em 1971, motivado pelo desenvolvimento GR, sendo organizado pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), o campeonato realizou-se no Rio de Janeiro. Alonso e Ingeborge (2006,p. 226)

No estado do Rio Grande do Sul, com base na bibliografia disponível, identificamos que a Ginástica Rítmica teve seu início no estado a partir do ano de 1972, assunto esse que iremos apontar no capítulo 04 com mais detalhes sobre o surgimento dessa modalidade e quem foram os responsáveis por trazer a GR para o RS.

0

### 3 DECISÕES METODOLÓGICAS

A metodologia é o caminho para o desenvolvimento da pesquisa demonstrando quais foram os caminhos utilizados para construção do trabalho proposto. Já as técnicas de coleta de informações são os instrumentos escolhidos para o desenvolvimento da pesquisa e dela resulta a construção da investigação. Barros (2005, p.213)

Esse trabalho caracteriza-se por uma pesquisa histórica de caráter descritivo que tem como objetivo relatar como ocorreu a iniciação do esporte Ginástica Rítmica no estado do Rio Grande do Sul na década de 1970. Com isso, buscamos dar voz e visibilidade as primeiras técnicas responsáveis por esse acontecimento e sua consolidação dentro do estado, na medida em que existe pouca publicação de estudos e materiais sobre esse assunto.

As fontes de pesquisa coletadas para esse trabalho foram encontradas por meio de consultas em documentos de diferente natureza: artigos, livros, almanaques, jornais, acervo do CEME e fontes digitais. A maior parte do material de consulta foi encontrado na biblioteca Edgar Sperb, bem como no Centro de Memória do Esporte (CEME), que se situam na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Utilizamos a Análise Documental para dialogar com o material consultado que segundo Chumier apud Bardin (2000, p. 45) caracteriza-se por ser “uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar num estado ulterior, a sua consulta e referência”. Assim, entendemos que a análise documental colabora para simplificar e ajudar o pesquisador de uma maneira que ele tenha o maior número de informações possíveis coletadas do material. Esse material também servirá para seu estudo a fim de proporcionar dessa forma uma veracidade de suas fontes de informações, sendo assim usando desse material para obter seus

aspectos quantitativos e qualitativos respectivamente. BOSI (2003), em seus estudos, indica que o ideal é que o intérprete seja a mesma pessoa que realizou a coletas de dados.

Logo após a seleção dos documentos que fazem parte desse trabalho selecionamos para entrevistar alguns nomes citados nos mesmos, tais nomes se traduziram como importantes para o registro da reconstrução da memória da GR no estado do Rio Grande do Sul.

Os depoimentos produzidos e analisados fazem parte do Projeto Garimpando Memórias<sup>3</sup>. As entrevistas foram realizadas conforme metodologia específica do Projeto Garimpando Memórias, que possui aprovação no Comitê de Ética dessa Universidade sob o número de protocolo 2007710 datado de outubro de 2007. As entrevistas realizadas para análise do tema desse trabalho estão localizadas no acervo do CEME.

Foram realizadas entrevistas com algumas pessoas que são consideradas responsáveis pelo início da prática no nosso estado: Zelira Mendes Eichenberg, Vânia Viana e uma entrevista contando com a presença de Margaret Biasi e Vera Lúcia Zamberlan Angheben. Totalizando 3 entrevistas.

A história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar deste objeto de estudo. (ALBERTI, 1989, p. 1-2).

Utilizaremos a metodologia da história oral para buscar informações sobre o início da GR no estado, através de memórias e depoimentos de pessoas que foram responsáveis e que participaram desse acontecimento. Segundo Alberti (2010, p.167) a História Oral, através de entrevistas, pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação [...] a memória é mutante, é possível falar de uma

---

<sup>3</sup> Para maiores informações sobre o Projeto acesse:  
[www.esef.ufrgs.br/ceme/projetos/garimpando/index.htm](http://www.esef.ufrgs.br/ceme/projetos/garimpando/index.htm).

história das memórias das pessoas ou grupos, passível de ser estudada por meio da história oral.

Assim como a entrevista está intimamente relacionada à memória, seu processamento articula, simultaneamente, pesquisa e documentação, na medida em que permite, também, a produção de um documento histórico. Daí sua riqueza, pois “a evidência oral, transformando os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também *mais verdadeira*” Goellner Et.al apud Thompson (2007, p.55)

Alberti (1989) acredita que o documento de História Oral não teria como objetivo central o preenchimento de lacunas, mas sim, “a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu” (p. 5).

A história oral dá vida à pesquisa, porque a partir desse acontecimento conseguimos conhecer o significado dessa história para determinadas pessoas. O uso das entrevistas de pessoas que fizeram parte do início da Ginástica Rítmica no Rio Grande do Sul, é uma tentativa de sanar a falta de informações publicadas sobre o assunto, utilizando a visão do próprio entrevistado. Portanto a análise do envolvimento do entrevistado com o assunto se torna fundamental. Porém, o conteúdo dos depoimentos deverá ser analisado de maneira objetiva, comparativa e crítica para que se evite que uma única verdade, constituídas pelas emoções e concepções das pessoas que vivenciaram o fato se transforme como única referência.

Portanto neste estudo os documentos foram lidos e selecionados conforme a sua importância com relação à Ginástica Rítmica, caracterizando-a e trazendo respectivamente a memória das primeiras técnicas do esporte através de suas entrevistas que foram realizadas e utilizadas para essa pesquisa. Pesavento (2003) nos diz que,

O historiador se apóia e textos e imagens que ele constrói como fontes, como traços portadores de significados para resolver os problemas que se coloca para resolver. Mas é preciso ir de um texto a

outro texto, sair da fonte para mergulhar no referencial de contingencia no qual se insere o objeto do historiador (p. 65).

Desta maneira estes dois métodos de consulta então foram correlacionados, buscando resgatar fatos importantes sobre o assunto e utilizando dessa metodologia para reconstruir e preservar a memória dessa prática.

#### 4. PROTAGONISTAS DO INÍCIO DA PRÁTICA DA GR NO RS

No estado do Rio Grande do Sul, a Ginástica Rítmica foi introduzida em 1972. Neste ano ocorreu o I Curso de Férias de Santos/SP, entre as disciplinas oferecidas no curso, estava a de Ginástica Feminina Moderna, ministrada pela professora húngara Ilona Peuker, radicada no Rio de Janeiro, e principal responsável pela divulgação daGR no Brasil.

Participando deste curso estavam algumas professoras gaúchas, a saber: Vera Lúcia Zamberlan Angheben professora de educação física da Escola de Educação Física do Instituto Porto Alegre- ESEF-IPA, Quintina Cândida Marna Letícia Rachel Crocco Paccini, professora da disciplina de ginástica geral do curso de educação física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Zelira Mendes Eichenberg professora de Educação Física do Colégio Anchieta de Porto Alegre e Rita Pozzobon Xisto, professora das escolas de Santa Maria.

Na verdade, esse curso era feito em São Paulo todos os anos pela ODEF<sup>4</sup>. Esse órgão trazia varias modalidades, nessa época, inclusive a ginástica moderna. Minha professora de dança e ballet, Maria Gladis Dietrich, é que soube por carta e me convidou para fazer com ela. Ela ficou na área de dança e eu na ginástica porque eu estava começando a trabalhar dentro da ESEF do IPA justamente com a disciplina de ginástica, por isso eu fui para ginástica moderna. (ANGHEBEN E BIASI, 2010, p. 01)

O I Curso de Férias de Santos possuía em seu planejamento: caracterizar a Ginástica Moderna, resgatar o seu histórico, mostrar suas finalidades, estudar seus movimentos e suas variações, caracterizar os aparelhos manuais, realizar um planejamento de aulas e mostrar a aplicabilidade da ginástica moderna.

---

<sup>4</sup> Organização de Desporto de Educação Física.

E a partir desse trabalho de três ou quatro dias com a Ilona, eu fiquei conhecendo algumas técnicas que já trabalhavam com isso no Rio de Janeiro. Foi um núcleo onde a Ilona trabalhava no Rio de Janeiro. A partir daí, todos os cursos que aconteciam, eu era convidada, porque eu já tinha deixado meu nome e endereço - na época não tinha e-mail [...] (EICHENBERG, 2010, p.01)

A partir desse curso em 1972, a ginástica rítmica chegou ao nosso estado, através dos contatos feitos através das professoras que estiveram presentes neste curso de Santos, realizou-se do dia 17 a 22 de Julho de 1972 o Curso de Extensão de Ginástica Feminina Moderna na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - ESEF-UFRGS, ministrado também por Ilona Peuker. No curso realizado na ESEF/UFRGS Ilona Peuker, trouxe sua melhor ginasta, a Daisy Barros, que depois que foi a primeira atleta brasileira a participar de uma competição internacional. Neste curso participaram vários professores do interior do estado sendo que [...] *“e o contato que foi feito com a UFRGS foi com a professora Quintina para trazer o curso da professora Ilona Peuker pra julho de 1972.”* (ANGHEBEN E BIASI, 2010, p. 01)

Os cursos ministrados por Ilona incentivavam a aplicação da Ginástica Moderna através de:

- Trabalho em massa: esse trabalho deveria ser aplicado em escolas, colégios, universidades, clubes, promover cursos, com a finalidade de formar, educar, conservar e divulgar a modalidade.
- Trabalho de elite: esse trabalho seria aplicado a pequenos grupos com a finalidade de aprimorar a técnica, difundir a ginástica Moderna por meio de demonstrações e participações em competições.

O trabalho em massa se caracteriza por ser a base porque dele surgiria as ginastas capazes de participar de grupos de elite. Portanto, seguindo a linha de trabalho de Ilona, as técnicas que realizaram o curso iniciaram o desenvolvimento da modalidade dentro do nosso estado. A partir desse momento iniciou-se o



desenvolvimento da Ginástica Rítmica, tanto no nível de trabalho em massa como no nível de um trabalho de elite.

Vera Lúcia Zamberlan Angheben que na época era professora da disciplina de ginástica no curso de graduação do curso de Educação Física de IPA, ao retornar do curso, selecionou algumas alunas do curso e fundou o Grupo de Ginástica da ESEFIPA-GRUGIPA.

Eu voltei encantada com as possibilidades da ginástica moderna, nos não tínhamos idéia só tínhamos ginástica rítmica, na faculdade com a professora Zaida Pallarés, mas quando eu vi o que se podia fazer com uma corda e uma bola eu comecei a estudar as possibilidades de ser feito um trabalho assim, como na ESEF a gente já tava trabalhando eu recrutei o grupo de lá eu como professora de ginástica quem na verdade eu via com mais condições de trabalhar com aquilo ali, [...] mas nos tínhamos pessoas que não tinha nada a ver com a dança, [...] e começaram a trabalhar com a ginástica,[...] alunas da li que quisessem e outras que eu achava que tinha condições. (ANGHEBEN E BIASI, 2010, p. 01).

Os treinos do GRUGIPA eram realizados no ginásio do IPA e, algumas vezes, dentro das salas ginásticas da faculdade, sempre de segunda a sexta-feira após o horário de aula da graduação, ou seja, os treinos iniciavam a partir das 22 horas e 50 minutos e finalizavam aproximadamente perto da 1 hora da madrugada. “O IPA funcionava das 19h25min ate 22h50min e nossos treinos eram depois das aulas e ninguém dizia não, todo mundo dizia sim vamos lá”. (ANGHEBEN E BIASI, 2010, p.02). Nos finais de semana que o grupo não possuía apresentações, o grupo também treinavam aos sábados à tarde.

[...] quando o pessoal terminava as aulas nos tínhamos todo o ginásio do IPA para treinar, nos treinávamos no ginásio caso tivesse alguma competição nos íamos para a sala de ginástica. Apresentação aonde? Em qualquer lugar, pisos? Os mais variados: chão parque, cimento, ninguém se queixava, asfalto e não se usava sapatilha, a única coisa que se usava na época eram as meias calças. (ANGHEBEN E BIASI, 2010, p. 02).

O treinamento do grupo não era voltado somente para o desenvolvimento de suas séries, portanto, a sessão era constituída por exercícios de flexibilidade, de elementos, saltos e lançamentos. Segundo as professoras,

A gente não só ensaiava as coreografias a gente fazia um treino de flexibilidade e elasticidade antes de fazer a coreografia havia assim um aquecimento antes, mas não tinha uma característica de treinamento no sentido que tem hoje de alto rendimento. [...] Considerando que as meninas já vinham de aula práticas durante a noite elas não poderiam ficar fazendo corridas, saltos, saltitos, linha de saltos,[...] mais na parte de flexibilidade e elasticidade que nós utilizávamos.[...] Nós utilizávamos a cerquinha do IPA. O IPA tinha uma cerca ao redor do ginásio, que servia de barra a barra funcionava ali pra fazer as extensões, flexões eram feitas ali, dai entrávamos no treinamento direto dos elementos, lançamentos, saltos [...] (ANGHEBEN E BIASI, 2010, p.04).

Em agosto de 1972, na comemoração do primeiro aniversário da ESEF-IPA, as alunas da faculdade, dirigidas por Vera Angheben, realizaram a primeira apresentação de Ginástica Feminina Moderna do Estado do Rio Grande do Sul, a mãos livres e com o aparelho bola, conforme podemos ver nas imagens abaixo:



**Foto 05:** Demonstração de Ginástica Moderna no aniversário ESEF/IPA, ano de 1972

**Fonte:** Acervo Centro de Memórias do Esporte da ESEF/UFRGS



**Foto 06:** Demonstração de Ginástica Moderna no aniversário ESEF/IPA, ano de 1972

**Fonte:** Acervo Centro de Memórias do Esporte da ESEF/UFRGS

Sobre esse evento, as entrevistadas afirmam que,

[...] então o grupo todo se apresentou todo em agosto de 1972 que era o aniversário do primeiro ano da ESEF, com todas as minhas alunas não me lembro quantas tinham na época eu sei que eu trabalhei com aquele famoso círculo que vocês vêem aí, que foi na verdade uma coreografia dada pela professora Ilona no curso de São Paulo porque o que a Ilona fazia ela fazia o grupo dela e massificada o restante do Brasil, o que eu fiz a mesma idéia eu vou massificar o RS, sul de SC e parte do Uruguai que era aonde nos chamavam pra nos irmos. (ANGHEBEN E BIASI, 2010, p.02).

O grupo realizava muitas apresentações e apresentava-se em diversas cidades do interior do estado, no estado de Santa Catarina, e algumas cidades do Uruguai, realizando um show de Ginástica Moderna, com aproximadamente uma hora de duração. Utilizava além dos aparelhos comuns a GR (corda, arco, bola, maçãs e fita), instrumentos regionais como pandeiros, tamboretas, lenços coloridos e faixas largas.

Essa divulgação chamou atenção da mídia. Conforme relatado pela professora Vera Angheben, a existência de um vídeo do GRUGIPA, realizado pela emissora de televisão, a TVE. Diante dessa informação, entrei em contato com a emissora para tentar resgatá-lo, e com isso enriquecer, o Acervo de GR do CEME. No entanto, descobri que havia acontecido um incêndio na emissora em 1982 e com isso houve a perda de todo o material do acervo de filmagens.

A professora Vera Angheben, com o propósito de popularizar o esporte, bem como de levar ao RS a proposta da GR não só como modalidade esportiva, mas também como ferramenta para ser utilizado dentro das escolas fez várias intervenções nessa direção.

O GRUGIPA, ao longo desses quatro anos, contou a presença de aproximadamente 25 ginastas, todas faziam parte da graduação, entre alguns nomes lembrados podemos citar: Margaret Biasi, Clause Krenzinger, Maria Valéria Baggio, Suzana Gutierrez, Eliane Masina, Tânia Mara Barcellos, Roseana Alves, Cleide Frazan Zanini, Sandra Schanes, Maria Cristina Villar, Laurita Alves, Maria Bernadette Ussan, Maria Valeska Zirbes, Margaret Ritter da Costa, Maria Aparecida Prieto, Sandra Shames, Jane Toniolo, Jane Elwanger, Maria Cristina Damelto, Lígia Azevedo. Durante os quatro anos o grupo apresentou-se por várias cidades do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e do país vizinho Uruguai.

Neste mesmo período em que o GRUGIPA estava sendo formado no IPA, paralelamente, a Professora Zelira Mendes Eichenberg formava, dentro do Colégio Anchieta, uma escolhinha de Ginástica Moderna. Nas suas palavras:

[...] e, quando eu voltei, abri uma escolhinha de ginástica rítmica dentro do Anchieta. Foi os primeiros passos, engatinhando. Eu trabalhei mais na rede escolar com ginástica rítmica escolar, como era chamada. Não trabalhávamos com desportiva porque não tínhamos competições. (EICHENBERG, 2010, p.01)

A escolhinha de GR do Colégio Anchieta trabalhava com meninas com idade a partir de 10 anos sendo que essa atividade, inicialmente, fazia parte da educação

física escolar das alunas. Zelira Mendes Eichenberg via a GR como uma forma de desenvolver as habilidades motoras, físicas e emocionais das crianças, utilizava os aparelhos da modalidade para causar motivação à prática da modalidade.

Meu objetivo, no primeiro, sempre foi o escolar. Era introduzir todos os que quisessem abrir a porta da ginástica para todas as crianças. Infelizmente, naquela época, só as meninas, porque depois nós queríamos trabalhar com os meninos, mas sempre com massificação. Todo mundo podia fazer sem nenhum objetivo maior. (EICHENBERG, 2010, p.10).

Contudo com início da modalidade dentro das escolinhas do Colégio, sentiu-se a necessidade de realizar um treinamento mais específico para as alunas que possuíam maior interesse e facilidade dentro do esporte. Foi desta maneira que surgiu, além das escolhinhas, uma equipe do Colégio Anchieta, que era considerado assim um treinamento mais elitizado.

Com o passar do tempo e com as exigências que começaram a surgir nas competições, nós fizemos um grupo que se interessava mais a participar de competições e as escolinhas que eram todo mundo. (EICHENBERG, 2010, p.4)

Dentro do treinamento das ginastas era trabalhada a flexibilidade, Zelira por ter vivenciado anos Ballet utilizava de alguns treinamentos do mesmo para dar um auxílio físico as suas ginastas. “um trabalho que desse condições para uma ginasta sustentar mais as pernas do que a elevação da perna e saltos que eram bastante exigidos” (EICHENBERG,2010, p. 6). Os pré-acrobáticos não eram permitidos dentro de uma série de Ginástica Moderna na época, porém Zelira já trabalha em seus treinamentos alguns exercícios de pré-acrobáticos por acreditar que dessa forma a ginasta teria uma maior consciência corporal e, ao mesmo tempo, trabalharia algumas valências físicas exigidas durante seus treinos e em suas séries.

Eu já trabalhava com os pré-acrobáticos mesmo sem poder incluir, porque eu sabia que isso dava muita segurança para as ginastas. Tu poder colocar as mãos, erguer as pernas, os rolinhos iniciais para frente, para trás, [...] os pré-acrobáticos e a parada de mão que eu dava. Eu achava importante para o equilíbrio. (EICHENBERG, 2010, p.6).

O grupo de ginastas formado nessa época no Colégio Anchieta, também realizava apresentações de demonstrações na época, dentro de escolas, clubes. As apresentações surgiam de convites,

Nós tínhamos um grupo de apresentação e éramos convidadas a fazer apresentações. Tinha um professor em São Leopoldo que dava em um clube. Aí íamos para fazer umas apresentações, sempre quando eram solicitadas. (EICHENBERG, 2010, p. 11).

Marta Azevedo e Juliane Andreis foram ginastas que participaram das escolinhas do Colégio Anchieta, que seguiram praticando o esporte e trabalhando de alguma maneira dentro da modalidade.

Portanto, as apresentações que eram realizadas pelas ginastas do GRUGIPA e as do Colégio Anchieta, despertavam a curiosidade dos que assistiam, com isso além desse trabalho de apresentações começou a divulgar a ginástica dentro do estado através da inserção da GR como conteúdo de cursos de graduação de educação física, cursos de pós graduação e dentro dos cursos precários que eram oferecidos na época.

Segundo Santos Et al (2005, p.30), no ano de 1978, a Ginástica Rítmica foi introduzida no currículo da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM pela professora Jacira Paixão, impulsionada pelo encantamento do esporte.

Em 1976, ocorreu o Primeiro Curso de Especialização em Ginástica Rítmica Moderna, realizado na ESEF do IPA, ministrado por Vera Angheben, com participação de 35 professores de educação física de todo o estado, dentre eles, seis homens que atuavam apenas em escolas, por não ser permitido a participação de árbitros, técnicos e ginastas do gênero masculino. Santos Et al (2005, p.30).

A prova final do curso era uma apresentação das equipes colegiais por eles preparadas, essa atividade final foi denominada I Festival Gaúcho de Ginástica Rítmica Moderna.

Portanto, foi participando de cursos precários e logo após realizando o curso parcelado de graduação em Educação Física no IPA, o qual era destinado a professores com título precário, que a professora Vânia Viana iniciou sua paixão pela modalidade.

[...] eu fiz vestibular para Educação Física no IPA. Aí foi que eu me encontrei com a Vera Angheben, que foi minha professora da GR e, durante todo o tempo da faculdade, a área da ginástica era com ela. Então, eu comecei a aprofundar mais os conhecimentos que eu tinha com a Vera. (VIANA, 2010, p.1)

Vânia Viana começou o desenvolvimento da Ginástica Rítmica na cidade de Santa Vitória do Palmar. Voltando a sua cidade formou um grupo da modalidade no Colégio Estadual Santa Vitória na qual já trabalhava. Para constituir o grupo selecionou meninas que gostavam de dançar, de fazer ginástica, com a idade aproximada de 11 anos, porque no colégio de Santa Vitória iniciava se a partir da 6ª série. Foi dessa maneira que organizou as meninas por faixas etárias e começou seu trabalho. As aulas aconteciam tanto no auditório do colégio como no ginásio Cardeal que se localizava na mesma cidade. As aulas eram em horários aleatórios, a modalidade era desenvolvida dentro das aulas de educação física, porém Vânia sentiu necessidade de realizar treinos fora do horário das aulas, por isso criou grupos mais específicos de GR, o que seriam as primeiras equipes. As equipes treinavam em horários alternativos.

Durante os treinamentos eram realizados trabalhos de mãos livres e com aparelhos, as aulas tinham duração de mais de uma hora. Durante os treinos era realizado um trabalho de flexibilidade, especialmente relacionado aos membros inferiores.

De costas é que não trabalhávamos muito. Nós trabalhávamos muito mais pernas. Realmente não era exigido. Porque o código ele era muito abrangente, bastante de escolha. Nós podíamos escolher. (VIANA,2010, p.3)

Com o desenvolvimento do trabalho em Ginástica Rítmica em Santa Vitória, o interesse pela modalidade cresceu e foi assim que Vânia iniciou aulas de escolhinhas no Ginásio Cardeal da cidade e contava com mais de 100 meninas praticando.



**Foto 07:** Grupo de Ginástica Rítmica do Colégio Estadual Santa Vitória do Palmar- RS ano de 1978

**Fonte:** Centro de Memórias do Esporte da ESEF/UFRGS

De um modo geral, esboçamos até aqui as primeiras manifestações da GR no Rio grande do Sul. No próximo capítulo descobriremos como se iniciaram as competições destacando como eram as regras, os aparelhos e as músicas das séries.



## 5. COMPETIÇÕES, REGRAS, APARELHOS E MÚSICAS DE 1972 A 1979

A Ginástica Moderna no início da década de 1970 estava passando por um processo de massificação dentro do nosso estado se difundindo através de cursos e demonstrações. Não demorou muito para começar a se pensar nas competições.

A primeira competição de GR aconteceu no ano de 1974 e foi realizada no Ginásio do IPA. Nesta competição participaram 33 equipes, as mesmas eram de escolas de todo o RS. A professora Vera Angheben ministrava na ESEF/IPA o curso de pós graduação em GR, a prova final do curso consistia em cada aluno do pós passar uma série para um grupo de meninas, esses grupos formados pelos alunos se apresentaram e foi assim que se realizou a primeira competição da modalidade dentro do estado do RS. O curso e a competição tinham o apoio da direção do IPA e do DED<sup>5</sup>, o qual autenticou o evento dando certificados aos participantes, pois na época a modalidade não fazia parte de Federação Riograndense de Ginástica. (ANGHEBEN E BIASI, 2010).

No ano de 1975 ocorreu o VI Jogos Escolares Brasileiros (JEBs) na cidade de Campinas no estado de São Paulo. O estado do Rio Grande do Sul participou pela primeira vez ficando em 5o lugar. A gaúcha, Cora Maria Casanova, realizou a primeira série individual utilizando o aparelho corda. Conjunto Bola: Cora Maria Casanova, Nise Helena Tomasi, Yara Regina Pinto, Rosângela Silva Biasi, Esther Copsten, Elisabeth Schmitt, Lisete Ferlin, Denise Jorge e Maria Inês. Como técnica: Vera Lúcia Zamberlan Angheben. Todas do Colégio Americano de Porto Alegre. Segundo Santos Et al (2005, p.30) essa participação gerou um grande impulso, o trabalho desenvolvido de divulgação da GR no estado do Rio Grande do Sul foi muito significativo, por isso a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), enviou no ano de 1975 um documento a Federação Riograndense de Ginástica do estado (FRG)

---

<sup>5</sup> Departamento de Educação Física e Desporto.

incentivando a oficializar a GR como modalidade oficial na FRG e foi assim que em 1976 a GR foi oficializada dentro da Federação Riograndense de ginástica do estado RS.

Portanto, com a GR fazendo parte da FRG começou a despontar a de competições regionais, como os VIII Jogos Escolares Brasileiros - JEBs em Porto Alegre - RS, realizado no Colégio Anchieta. O Rio Grande do Sul se classificou em 3o lugar no conjunto fita. A abertura dos JEBs foi realizada no Ginásio Gigantinho com aproximadamente 300 crianças de Porto Alegre e interior do Estado.

No mesmo ano a modalidade é iniciada no CETE- Centro Estadual de Treinamento Esportivo, que tinha por objetivos formar seleções, porém para que as ginastas conseguissem participar das competições, as seleções foram afiliadas através da Associação dos Servidores da Secretaria de Educação e Cultura -ASSEC.

A partir de 1976, com as competições incentivadas pela FRG, foi possível perceber um maior desenvolvimento, aumentando assim a exigência e o rendimento dentro da GR. No ano de 1977, segundo a ata da FRG, temos como calendário de amistosos e competições dentro do estado os seguintes eventos:

- 16 de abril: Festival de Ginástica Rítmica; Local: Colégio Anchieta;
- 24 de maio: Festival de GRD ; Local: Grêmio Náutico União;
- 11 de junho: Campeonato Interclubes de GRD e eliminatória para o Brasileiro; Local: Grêmio Náutico União;
- 01 a 03 de julho: Campeonato Gaúcho de Ginástica Rítmica Desportiva(DED-SEC)
- Primeira quinzena de agosto: Campeonato Brasileiro de Ginástica Rítmica, Local: Grêmio Náutico União.

Como podemos observar a modalidade já estava difundida dentro de escolas e, então, começou a migrar para os clubes da Cidade de Porto Alegre, tanto no nível de equipes como no nível de escolinhas, na mesma época no interior do estado essa movimentação também acontecia. Segundo Vânia Viana (2010, p.4):

As competições começaram a aparecer na Federação e através da Vera Angheben. Havia naquela época o Campeonato Escolar Gaúcho. Uma das modalidades do campeonato era a GRD. [...] Naquela época eram os colégios que participavam. Não havia entidades federadas, clubes. Eram colégios.

As competições que estavam aconteciam na capital do estado, contava com a presença das equipes do interior, contudo a partir da organização da FRG iniciou paralelamente a realização de competições entre cidades do interior.

[...] as cidades do Rio Grande do Sul: Estrela, Osório, fazíamos muito essas competições lá. Rio Grande. Um tempo depois desse avanço da Ginástica, nós começamos a trabalhar mais especificamente séries de conjunto. Tínhamos as individuais, mas o conjunto era forte. (VIANA, 2010, p.06)

No entanto, no início dos amistosos e competições no RS até 1976, não havia uma regularização de regras, para julgar as séries apresentadas pelas ginastas. Desta forma foi necessária a criação de regras. Para solucionar o problema foi criado um manual com as séries obrigatórias que deveriam ser executadas pelas ginastas para as competições e quais seriam os quesitos que seriam avaliados.

Na primeira competição que houve no Rio Grande do Sul não havia, realmente, um código, mas nós recebemos como era uma competição escolar de séries obrigatórias. Já vinha mais ou menos o que era para ser feito. Era mais a técnica corporal e a própria série coreográfica. Não podia fazer além daquilo. Essa era uma das notas e a execução era uma das notas. (EICHENBERG, 2010, p.8)

No dias 4 á 10 de agosto ano de 1975 foi realizado um curso internacional de arbitragem pela CBG e teve a primeira participação da professora Vera Lúcia Zamberlan Angheben. O curso contava com a presença da professora húngura Henriette Abad que fazia parte da Comissão de Ginástica Rítmica Desportiva da Federação Internacional de Ginástica (FIG). Henriette era uma das poucas autoridades do mundo na época, autorizadas a ministrar cursos de arbitragem com

caráter internacional. O curso só poderia ser realizado por professoras formadas no curso de Educação Física não era permitida a participação de homens, “Não podia, não existia, só mulheres não era permitidos árbitros do sexo masculino.” (ANGHEBEN E BIASI, 2010, p.04) e só ganhariam o título de arbitro aquelas que atingissem os requisitos necessários exigidos pelo curso. O código utilizado no curso era todo em Francês, a professora Ingebord Krause que era presidente da Comissão de Ginástica Rítmica Desportiva da CBG, fazia a tradução dos códigos para o português para que dessa forma as técnicas brasileiras pudessem treinar suas equipes com as exigências cobradas nas competições.

Portanto todos os anos se realizavam cursos com objetivo de formar e atualizar os árbitros assim estando aptos a participar de campeonatos nacionais e internacionais. No regulamento de condições para a formação de árbitros<sup>6</sup> da época podemos citar:

- Condições: o candidato deveria preencher pelo menos um dos requisitos a baixo
  - Ter sido boa ginasta e haver participado de algum campeonato a nível nacional.
  - Exercer ou ter exercido a atividade de técnica de GRD.
  - Ter exercido a função de árbitro em campeonatos da federação estudantis.
  - Ter concluído a disciplina de GRD na faculdade de Educação Física.
- Finalidade:
  - Ter a disposição para todas as competições de arbitragem diplomada e competente.
  - Impedir que árbitros incompetentes fossem chamados a funcionar.
- Qualificação:
  - Somente árbitros cadastrados poderão ser indicados para participar: campeonatos, cursos, congressos, simpósios, etc. nacionais e internacionais.
- Certificados:

---

<sup>6</sup> Material disponível no CEME.

- O certificado é expedido aos árbitros que tenham prestado com sucesso o exame por ocasião do curso.
- O certificado é conferido uma única vez. A sua validade deverá ser confirmada anualmente, por meio de exame prestado no curso chamado de reciclagem.

Os requisitos citados são alguns entre as normas que eram exigidas na época, já existiam os critérios para julgamento de execução e julgamento de composição, assim como observações sobre o regulamento relativo á originalidade, estética e virtuosismo.

Segundo os materiais didáticos<sup>7</sup> usados em cursos da época os aparelhos utilizados na GR eram divididos em: Aparelhos Oficiais que seriam utilizados em competições que incluía: bola, arco, fita, maça e corda; os Aparelhos com Variações que seriam usados para fins demonstrativos ou para introdução em turmas iniciantes, incluíam nessa categoria aparelhos tais como: casca de coco, pandeiros, faixas, lenços entre outros.

Nesta época os aparelhos oficiais já possuíam suas características físicas e movimentos específicos.

- Bola: Lançar, pegar, quicar, rolar e circundar. Material: borracha e media de 16 a 20 cm de diâmetro.

- Arco: impulsionar, rodar, girar, lançar, rolar, passar por dentro e por cima. Material: madeira (em trabalho de base nas aulas poderiam ser usados arcos feitos de vime); tamanho de 60 a 90 cm de diâmetro.

- Cordas: saltar, saltitar, lançar, pegar, balancear, impulsionar e pendular. Material: Sizal ou nylon com algodão, sem empunhaduras. A medida varia conforme o tamanho da ginasta.

-Fita: Elans, circundunções, serpentina, espiral, movimentos em oito e lançamentos. Material: cetim, bastão de madeira. Medida 4 a 6 cm de largura, 6m de comprimento

---

<sup>7</sup> Materiais didáticos disponíveis no CEME.

sendo o primeiro metro de dupla face. Bastão: 1 cm de diâmetro, 50 a 60 cm de comprimento. Argola de sustentação 7 cm no máximo.

-Maça: élan, circundação, pequenos círculos das maçãs, molinetes, lançar e pegar e batidas. Material: madeira ou plástico. Formato de uma garrafa, com medidas: 3 cm no máximo de “garganta” com peso de no máximo de 150g, 40 a 50 cm de altura.

Todos os aparelhos poderiam ter qualquer cor exceto: ouro, prata e bronze.

Com o início da modalidade dentro do estado, sentiam-se dificuldades em relação aos materiais usados na ginástica rítmica, apesar das limitações uma das maneiras era substituir aparelhos oficiais por aparelhos adaptados. Na área escolar, por exemplo, Segundo Zelira o importante era proporcionar à vivência as crianças, ter a capacidade de realizar o elemento mesmo com os aparelhos não oficiais.

Na época, como ninguém tinha aparelho no Rio Grande do Sul, a possibilidade era: a corda, que podíamos comprar e fazer, mãos livres, que todo mundo podia fazer, e começamos com a fita, porque se fazia uma haste de madeira, se colocava um aparelhinho que a pesca usava para a fita girar sem enrolar. Era mais fácil. Era uma brincadeira. Não eram as fitas oficiais. Então, já era um pré-desenvolvimento e, os arcos, se trabalhavam com os bambolês de plásticos. Nós forrávamos. Nós tínhamos, no Anchieta, os arcos de madeira, mas eram muito pesados para crianças. (EICHENBERG 2010, p.6)

No interior do estado Vânia relatou que para conseguir os aparelhos, fazia contato com a professora Vera Angheben, a qual tinha o contato e conseguia trazer do exterior os materiais da modalidade. Os materiais oficiais ainda não eram produzidos no país o que tornava seu acesso difícil e com um alto custo. Como cita Zelira:

Para entender naquela época, como era difícil esse início: não tinha aparelhos de ginástica rítmica. O único lugar que tinha as bolas de ginástica rítmica era no Anchieta, porque eles trouxeram uma leva de material da Alemanha. Aquelas claves, não eram maçãs. Eram pesadas e as bolas eram um diferencial porque era o único lugar que tinha bolas de ginástica rítmica, que não eram nada parecidas com as

atuais, mas eram as melhores na época. [...] Acho que a primeira boa de trabalho foi na década de 1980. (EICHENBERG, 2010, p.05)

O acompanhamento musical na execução das séries sempre foi de grande importância dentro da modalidade. A música é um dos requisitos de avaliação analisado pelos árbitros. Na década de 70 o recurso para o acompanhamento musical era o piano, que era o único instrumento permitido para a realização das séries. A música deveria ser uma melodia, não sendo permitido o uso de outros instrumentos e nem músicas cantadas.

Existiam três possibilidades para a adequação da música em uma série:

- Uma música já feita: colocam-se os exercícios sobre a melodia já estabelecida.
- Uma música preparada: é uma melodia adequada e pré determinada para a série.
- Uma improvisação entre a música e movimento.

O considerado essencial seria uma harmonia entre o movimento e a música. Tinha como proposta que somente através da harmonia entre a ginasta e a pianista poderíamos dar vida a uma série, o caráter de desenvolvimento deveria ser igual ao da música. A música deve apoiar o movimento e não servir como fundo musical.

Com a exigência do piano as técnicas e professoras tinham que trabalhar juntamente com a pianista e as ginastas montando suas séries.

Eu tinha a minha madrinha que tocava piano muito bem, tinha um primo que tocava piano muito bem. [...] Na escola tinha piano e nós pedíamos para levar o piano para o auditório. Então, sentava ali e dizia: “não quero isso, quero aquilo, aquela música”. Então, ela começou a procurar partituras. Ela fazia os arranjos entre uma e outra e ia costurando, como se diz. [...] Nós montávamos a partitura toda e depois treinávamos bastante. [...] Eu construía a série primeiro. A coisa era meio que junto. Eu levava as meninas para lá e dizia o que queria, porque havia os exercícios específicos da bola que não podia fugir. Então, eu ia fazendo e ela ia tocando: “Nesse pedaço eu quero isso”. Com meu primo eu fazia melhor. Eu montava toda a série primeiro. [...] Então, ele olhava e já sabia o que ia fazer [...] (VIANA, 2010, p.8 e 9)

Contudo Zelira relatou em seu depoimento que durante sua época no Colégio Anchieta não tinha um piano disponível no ginásio em que treinava as ginastas, então um das soluções encontradas foi montar a música junto com a pianista e depois montar as séries com as ginastas conforme a música escolhida. (EICHENBERG, 2010, p.9)

A música deveria representar em tempo, força, ritmo, forma, o caráter da série. A série poderia iniciar depois do início da música (era permitido 4 compassos), porém a finalização da série deveria ser idêntico entre a música e movimento. Essas normas eram válidas para séries individuais e de conjunto, buscando transmitir aos que assistiam leveza, harmonia, coordenação e sincronismo.



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo o resgate da memória da Ginástica Rítmica (GR) no estado do Rio Grande do Sul, mostrando de que maneira a GR iniciou em nosso estado, dando voz e visibilidade as primeiras técnicas, as quais foram as responsáveis pela expansão e pela divulgação dessa prática no nosso estado.

Podemos observar através dos documentos e das entrevistas realizadas como se iniciou a prática dentro do nosso estado. Dessa maneira tentou se recriar e resgatar a memória dessa modalidade que teve seu início somente em 1972 dentro do nosso estado.

As primeiras professoras a trazer a modalidade para o RS tiveram um papel fundamental para o desenvolvimento da mesma. O processo de massificação foi realizado tanto dentro das escolas de todo o estado como dentro das faculdades de Educação Física. Essas iniciativas alavancaram o processo de reconhecimento da Ginástica Rítmica como modalidade a ser desenvolvida em todos os níveis.

As dificuldades de organização no nível federativo não foram o suficiente para que a GR não se desenvolvesse no estado do Rio Grande do Sul, ao contrário, a prática ganhou seu espaço entre os praticantes, estudantes e professores e dessa forma conquistou sua identidade e criando a necessidade de inserção na Federação Riograndense de Ginástica. Ganhando espaço na FRG a modalidade passa a ter um apoio e suporte para a organização de competições e eventos, que já era uma necessidade para sua consolidação como esporte competitivo e aperfeiçoamento de seus praticantes.

A modalidade passou por distintos momentos e diversas mudanças, desde exigências de desempenho das ginastas (flexibilidade, acrobacias), alterações nos códigos de pontuação e conceitos musicais. Essas características iniciais da modalidade devem ser vistas como incentivo inicial, para o conhecimento que temos hoje sobre a modalidade. A Ginástica Rítmica mantém muitas de suas características,

é um esporte estético, mas que exige cada vez mais preparação física e competência técnica de suas praticantes.

Esse trabalho buscou produzir conhecimentos sobre a Ginástica Rítmica dentro do Rio Grande do Sul, tendo em vista que pouco se produziu sobre essa modalidade nesse espaço e tempo. Desta forma estaremos disponibilizando o acesso a todo o material produzido, através do Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória de Esporte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dessa maneira pretendemos auxiliar futuros pesquisadores ou pessoas interessadas pela modalidade dentro do estado, podendo assim dar continuidade a pesquisa aqui iniciada, ou também, desenvolver outras pesquisas com enfoques até aqui não explorados.

Estudar a memória e a história das práticas e esportes é uma maneira de retornar ao passado em uma tentativa de buscar os fatos ocorridos, contribuindo para encontrarmos meios e formas de entender a modalidade que temos hoje em dia. Resgatar um pouco da sua história, ver sua evolução com o passar das décadas e dar voz e visibilidades aos protagonistas são ações acadêmicas importantes que devem ser cada vez mais incentivadas e desenvolvidas dentro da Educação Física.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In PINSKY, Carla (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

ALBERTI, Verena. **História oral e a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ALONSO, Heloísa; INGEBORGE, Crause. Ginástica Rítmica. In: DACOSTA, Lamartine (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

ANGHEBEN, Vera. BIASI, Margaret. **Vera Angheben e Margaret Biasi (depoimento, 2010)**. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.<sup>8</sup>

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: edições 70, LDA, 2000.

BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

BOSI, Ecléia. **O tempo vivido da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê, 2003.

EICHENBERG, Zelira Mendes. **Zelira Eichenberg II (depoimento, 2010)**. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.<sup>9</sup>

GARCIA, Ângela; MARCONATO, Bárbara. **Atividades rítmicas escolares**. Canoas: Ulbra, 2005.

GOELLNER, Silvana Villodre; VON MUHLEN, Johanna Coelho; MAURMANN, Ana; ROMERO, Camile Saldanha Bueno Romero. Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança no Rio Grande do Sul. In GOELLNER, Silvana Villodre(org). **Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança**. Porto Alegre,RS: UFRGS, 2007.

GUAZELLI, César; PINTO, Célia (org). **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Ufrgs, 2008.

MESQUITA, Maria Mesquita. A expressão na Ginástica Rítmica: um fenômeno

---

<sup>8</sup> Disponível no CEME

<sup>9</sup> Disponível no CEME

a ser desvelado. In GAIO, Roberta (org). **Ginástica Rítmica da iniciação ao alto nível**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2008.

MOLINARI, A. M. da P. *Ginástica Rítmica: Esporte, História e Desenvolvimento*. Cooperativa do Fitness. 2004. Disponível em site: [www.cdof.com.br/esportes4.htm](http://www.cdof.com.br/esportes4.htm). Acesso em 27 de maio de 2010

PALLARÉS, Z. **Ginástica Rítmica**. Porto Alegre: Redacta:Prodil, 1979.

PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PEUKER, Ilona . **Ginástica Moderna sem Aparelhos**. Rio de Janeiro: Forum, 1974.

SANTOS, Cláudia Lima dos; NAGAMINE, Milena Threni; BERNARDI, Patrícia Silveira Fontana. A Ginástica Rítmica no Rio Grande do Sul. In MAZO, Janice Zarpellon; FILHO, Alberto Reepold (org). **Atlas do Esporte do Rio Grande do Sul: atlas do esporte, educação física e atividades de saúde e lazer no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CREF/RS, 2005

VIANA, Vânia. **Vânia Viana (depoimento, 2010)**. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Disponível no CEME

**APÊNDICE**

**APÊNDICE- A: Entrevista Zelira Mendes Eichenberg**



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ZELIRA MENDES EICHENBERG II**

**(depoimento)**

**2010**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## ***FICHA TÉCNICA***

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:**

**Entrevistada:** Zelira Mendes Eichenberg

**Nascimento:** 03/09/1944

**Local da entrevista:** Veador Porto 392, apto 304

**Entrevistadora:** Daniela Natividade

**Data da entrevista:** 06/11/2010

**Transcrição:** Daniela Natividade

**Conferência Fidelidade:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Copidesque:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Pesquisa:**

**Fitas:** Gravador digital

**Total de gravação:** 43 minutos e 18 segundos

**Páginas Digitadas:** 13

**Catálogo:**

**Registro:**

**Número de registro:**

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

EICHENBERG, Zelira Mendes. *Zelira Eichenberg II (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010

Porto Alegre, 6 de novembro de 2010. Entrevista com Zelira Eichenberg a cargo da entrevistadora Daniela Natividade para o projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte

D.N. – Professora, como tu ficaste sabendo da modalidade Ginástica Rítmica?

Z.E. - Em 1972, eu fui fazer um curso em Santos, aqueles cursos de férias para professores de Educação Física. Nós fomos num grupo daqui. Eu já trabalhava numa escola estadual, no Julinho, e em um colégio particular que era o colégio Anchieta, que me dava grandes oportunidades. Fui a primeira professora mulher dentro do Anchieta onde estavam iniciando as atividades com meninas lá. E, em 1972, teve esse curso e eu fui. E uma das matérias desse curso foi com a Ilona Peuker “Ginástica Rítmica Desportiva”. Aliás, a Ginástica Rítmica Desportiva mudou muito de nome. De ginástica moderna para ginástica rítmica, a GRD, como é conhecida a Ginástica Rítmica Desportiva. E, a partir desse trabalho de três ou quatro dias com a Ilona, eu fiquei conhecendo algumas técnicas que já trabalhavam com isso no Rio de Janeiro. Foi um núcleo onde a Ilona trabalhava no Rio de Janeiro. A partir daí, todos os cursos que aconteciam, eu era convidada, porque eu já tinha deixado meu nome e endereço - na época não tinha e-mail – e, quando eu voltei, abri uma escolhinha de ginástica rítmica dentro do Anchieta. Foi os primeiros passos, engatinhando. Eu trabalhei mais na rede escolar com ginástica rítmica escolar, como era chamada. Não trabalhávamos com desportiva porque não tínhamos competições. E, a partir daí, através do Departamento de Educação Física do Estado, antigo DEFI, eles resolveram fazer uma competição estudantil.

D.N. - Tu lembrás em que ano isso?

Z.E. - Eu não sei se foi em 1973 ou 1972. Eu acho que foi em 1973, porque ainda não era muito difundido em 1972. A partir de 1973, houve a primeira competição em todo o Rio Grande do Sul. Eles tiveram séries obrigatórias. Então, dentro dessa escolhinha no Anchieta, eu, mais ou menos, inscrevi seis grupos, porque eu abria muito para qualquer criança que quisesse e tivesse essa possibilidade de trabalhar

D.N. - E tu lembrás a partir de que faixa etária e até qual?

Z.E. - Eu tinha a partir da idade do estabelecimento de ensino. Eu trabalhava a partir da quarta série.

D.N. - 10 anos.

Z.E. – Sim. Porque as outras séries eram dadas em outro ambiente e não tínhamos acesso. Depois dessa primeira competição estudantil, no ano seguinte, a Federação já fez a primeira competição oficial e aí com aparelho, bola e corda novamente, porque essa série, na verdade, era uma série de corda e mãos livres. A partir daí, nós começamos a dar muitos cursos também, porque, como o DEFI tinha interesse em que o Rio Grande do Sul começasse a participar, nós fomos sendo envolvidos pelos convites de cursos em Santa Maria, Pelotas, Uruguaiana, vários núcleos. Novo Hamburgo.

D.N. - Depois que tu fizeste o curso em 1972 em Santos, tu lembras de algum curso que tu tenha ido?

Z.E. – Sim, aí já pela Federação Brasileira de Ginástica Brasileira, que era a CBG, Confederação Brasileira de Ginástica e, a partir daí, os cursos de arbitragem. Então, a partir da Confederação, o convite para as Federações de cursos de arbitragem. Junto com os cursos de arbitragem, nós tínhamos a parte técnica também.

D.N. - Tu chegaste a lembrar de algum curso que o a Ilona deu em Porto Alegre na UFRGS?

Z.E. – Sim. A partir do momento que tivemos contato com a Escola de Educação Física através da Zaida, que ficou muito surpresa, porque ela não sabia que havia competições em ginástica rítmica. Nós tínhamos um contato mais direto com o grupo da Ilona Peuker. Aí nós fizemos um contato e, uns três anos ou quatro anos depois, ela deu esse primeiro curso na ESEF.

D.N. - Não lembras mais ou menos o ano? Tu chegaste a participar do curso?

Z.E. – Sim.

D.N. - E tu lembras que pessoas participaram?

Z.E. - Vieram várias pessoas de todo o Rio Grande do Sul. Tinha gente que já havia feito cursos conosco no interior. Então, foi bastante divulgado. Vieram muitas pessoas. Eu me lembro que tínhamos que fazer vários grupos. Esse foi o primeiro que a ESEF trouxe.



D.N. - A ESEF da UFRGS.

Z.E. – Foi o primeiro curso que a Ilona foi convidada. Neste curso, ela trouxe uma aluna que foi a primeira atleta a competir em uma competição internacional.

D.N. - Tu lembras o nome?

Z.E. - Daysi Barros. Aí começamos a se conhecer. Nós fizemos vários trabalhos juntos, de cursos, de conhecimento, porque ela me passou muitos conhecimentos. Através dos JEB'S, Jogos Escolares Brasileiros, a ginástica rítmica começou a se projetar. Porque, com o JEB'S, todos os estados vinham até Brasília, ou onde estavam sendo realizados os jogos. E esse Departamento de Educação Física e a ginástica rítmica, dentro do JEB'S, faziam cursos preparatórios para os técnicos e para os árbitros e daí eles voltavam aos seus estados e difundiam as novas técnicas.

D.N. - Aonde foi o primeiro JEB'S? Tu lembras?

Z.E. - Os JEB'S já existiam, mas, a integração da ginástica dentro do JEB'S, foi a partir da década de 1970.

D.N. - E a primeira competição? Tu lembras?

Z.E. - Acho que foi no interior de São Paulo.

D.N. - A primeira competição aqui no Rio Grande do Sul foi aonde?

Z.E. – Em Porto Alegre.

D.N. - Em que lugar?

Z.E. - Foi no IPA, no antigo ginásio.

D.N. - Como tu trabalhavas a ginástica moderna com as tuas alunas? O que era mais importante? Como tu ministravas uma aula de ginástica?

Z.E. - No início, meu objetivo era difundir os tipos de atividades dentro da GRD que pudesse desenvolver a criança nas suas mais diversas possibilidades e habilidades. Eu utilizava os aparelhos para motivar as crianças a praticar uma atividade. Com o passar do tempo e com as exigências que começaram a surgir nas competições, nós fizemos um grupo que se interessava mais a participar de competições e as escolinhas que eram todo mundo. Então, já trabalhávamos separado. Quando eu saí do Anchieta, comecei a trabalhar na Feevale no Departamento de Ginástica Rítmica.

D.N. - Que ano isso?

Z.E. - 1976, eu acho. Eu tive que largar o Anchieta porque não tinha mais possibilidade.

D.N. - E tu continuavas trabalhando naquela escola estadual?

Z.E. - No Julinho sim. Depois da Feevale, eu recebi um convite para dar um curso de ginástica rítmica dentro da UFRGS. Aqueles cursos de pós-graduação que tinha e era à noite e então eu passei meu conhecimento, o pouco conhecimento que eu tinha, porque aqui no Brasil era tudo engatinhando com GRD. Não tínhamos muito acesso. Hoje em dia, com a internet, tu consegue tudo. Naquela época, não tinha um livro. O livro era uma coisa que tu tinhas que copiar, porque não tinham muitos. Eu recebi um convite para trabalhar com a ginástica rítmica desportiva auxiliando uma professora. Eu não me dediquei muito à competição naquela época. Eu queria mais era desenvolver a ginástica rítmica escolar. Como trabalhei mais de vinte anos com “ballet” clássico, eu tinha muita facilidade com coreografia, em trabalhar movimento, música. Então, comecei a verificar as possibilidades desse trabalho dentro do Anchieta. Quando fui obrigada a sair e entrou uma professora ao meu convite, para que ela desenvolvesse esse trabalho lá, ela começou a desenvolver pequenos grupos de competições e, quando ela saiu do Anchieta, levou esse grupo para o Internacional que abriu um Departamento de Ginástica Rítmica lá.

D.N. - Que ano?

Z.E. - A partir de 1979.

D.N. - Antes de sair do Anchieta, essa equipe que tu dividiste, chegou a competir em estaduais?

Z.E. – Sim, nas competições estaduais da Federação.

D.N. - Como eram os treinamentos? O que tu priorizavas? Na época, o que tu trabalhavas para desenvolver elas?

Z.E. - Para entender naquela época, como era difícil esse início: não tinha aparelhos de ginástica rítmica. O único lugar que tinha as bolas de ginástica rítmica era no Anchieta, porque eles trouxeram uma leva de material da Alemanha. Aquelas claves, não eram maçãs. Eram pesadas e as bolas eram um diferencial porque era o único lugar que tinha bolas de ginástica rítmica, que não eram nada parecidas com as atuais, mas eram as melhores na época. Então, nós tínhamos essa prioridade de ter esses aparelhos, mas com muita dificuldade. Acho que a primeira boa de trabalho foi na década de 1980. Eu trabalhava muito com música e movimento. A prioridade era a música, a coreografia dentro da música e a coreografia dentro da música com o aparelho. Tinha os elementos que não se podia incluir, os pré-acrobáticos. Muitos não podiam acontecer dentro de uma série. Era mais o movimento corporal e o aparelho e, quando era mãos livres, aí então era só a técnica corporal.

D.N. - Vocês trabalhavam a flexibilidade?

Z.E. - Não tínhamos preparador físico. A técnica, a professora, que fazia tudo. Eu tinha algum conhecimento por causa do “ballet”. Tinha uma barra especializada. Depois da barra, fazíamos um trabalho de flexibilidade, iniciando a flexibilidade.

D.N. - Não era uma coisa tão exigida, não é?

Z.E. – Não, era somente um trabalho que desse condições para uma ginasta sustentar mais as pernas do que a elevação da perna e saltos que eram bastante exigidos. Eu já trabalhava com os pré-acrobáticos mesmo sem poder incluir, porque eu sabia que isso dava muita segurança para as ginastas. Tu poder colocar as mãos, erguer as pernas, os rolinhos iniciais para frente, para trás, o básico que se dava na ginástica olímpica. A roda, os pré-acrobáticos e a parada de mão que eu dava. Eu achava importante para o equilíbrio.

D.N. - E os outros materiais, arco, corda...

Z.E. - Na época, como ninguém tinha aparelho no Rio Grande do Sul, a possibilidade era: a corda, que podíamos comprar e fazer, mãos livres, que todo mundo podia fazer, e começamos com a fita, porque se fazia uma haste de madeira, se colocava um aparelhinho que a pesca usava para a fita girar sem enrolar. Era mais fácil. Era uma brincadeira. Não eram as fitas oficiais. Então, já era um pré-desenvolvimento e, os arcos, se trabalhavam com os bambolês de plásticos. Nós forrávamos. Nós tínhamos, no Anchieta, os arcos de madeira, mas eram muito pesados para crianças.

D.N. - Tu lembras de alguma aluna que tenha participado dessa escolhinha, dessa equipe, e tenha continuado depois como ginasta?

Z.E. - Sim, a Marta Azevedo se tornou uma ginasta. A Juliane Andreis que trabalhou comigo depois. Depois elas se tornaram técnicas. A Juliane eu acho que ainda trabalha com GRD.

D.N. - Tu lembras de mais alguma?

Z.E. - Dessa época não. Depois tem as minhas ginastas que foram campeãs brasileiras e foram até para o mundial.

D.N. - E esse pós que tu deu na UFRGS, como eram essas aulas? Eram só mulheres? Como tu trabalhavas?

Z.E. - Em um dos cursos eu tive um rapaz.

D.N. - Tu lembras o nome dele?

Z.E. - Não.

D.N. - Que ano?

Z.E. - Não sei. Esse curso foi dado dois ou três anos seguidos. Todas as matérias eram dentro de um curso de pós-graduação. Então, todos eles faziam todas as matérias e as partes práticas eram escolhidas: voleibol, basquete, ginástica rítmica. Em um dos cursos, eu tive um rapaz

que não chegou a terminar, eu acho. Mas, a maioria, era mulheres. Depois vinha muita gente do interior. Depois a própria ESEF dava esses cursos de pós no interior. Demos um curso em Bagé de ginástica rítmica, voleibol, basquete. Nós íamos até lá para dar o curso. Todo final de semana

D.N. - Cursos precários, tu chegaste a dar aula?

Z.E. - Os cursos para professores sem formação. Eu dei na Feevale que não era de ginástica rítmica. Ele incluía a ginástica rítmica. Eram várias matérias. Esses professores a título precário vinham do interior para fazer cursos de atualização e, dentro desses cursos, tinha a ginástica rítmica. Mas não era um curso específico. Era uma matéria e eu aproveitava e dava aula de ginástica rítmica escolar que eu achava importante para o desenvolvimento das crianças. Já pensando em aulas para meninos - naquela época era dividido -, eu já trabalhava com os homens dizendo que muita coisa poderia ser aplicada, até para dar coragem. Jogar uma bola, fazer um rolinho.

D.N. - Aonde estavam os meninos em todo desenvolvimento da ginástica?

Z.E. - Não estavam na década de 1970. Em 1980, quando eu comecei a trabalhar na Sogipa com GRD, nós dávamos um cursinho de férias e convidávamos o pessoal do interior. Aí apareceram os primeiros homens.

D.N. - Praticantes?

Z.E. - Praticantes que terminaram sendo técnicos. Tinha um menino que, trabalhava com patinação em Santa Cruz, que se interessou pelos movimentos. Terminou fazendo esses cursos conosco na Sogipa e terminou sendo técnico. Não lembro o nome, mas ele levou ginastas até para campeã brasileira. Final dos anos 1980. Dentro da própria ESEF, tínhamos alunos que faziam GRD. Depois da reestruturação do currículo, obrigatório era o fundamentos. Ginástica rítmica escolar e a GR só fazia quem optava e ali nós tínhamos alguns meninos. Um deles ingressou na dança, o Aldo. Passou com excelente.

D.N. - E os árbitros, como vocês se organizaram sem os códigos? Para ter um parâmetro...

Z.E. - Na primeira competição que houve no Rio Grande do Sul não havia, realmente, um código, mas nós recebemos como era uma competição escolar de séries obrigatórias. Já vinha mais ou menos o que era para ser feito. Era mais a técnica corporal e a própria série coreográfica. Não podia fazer além daquilo. Essa era uma das notas e a execução era uma das notas. Não tinha muito. A partir desses cursos com a Confederação, nós tivemos os primeiros códigos. A Federação daqui começou a incentivar as competições.

D.N. - Tu começou a trabalhar como árbitra?

Z.E. - Sim.

D.N. - A partir de que ano?

Z.E. - 1970. As primeiras competições.

D.N. - Participava como árbitra escolar?

Z.E. - Não. Só depois no JEB'S. Daí eu era convidada do Ministério da Educação. No Rio Grande do Sul eu era técnica e na Federação atuava como árbitra. Na Confederação eu recebi muitos convites. Aí eu já era árbitra nacional. Então, eu trabalhava também nas competições e, no JEB'S, a convite do Ministério da Educação.

D.N. - Vocês tinham séries? Tu montavas para as tuas ginastas? Como eram as músicas?

Z.E. - Existiam as séries obrigatórias que já vinham todas montadas e tinham as séries coreográficas que tu escolhia a música. Só não podia mudar o aparelho. A Confederação ou o JEB'S já tinha definido: conjunto com bolas, individual: corda, maçã e fita, mas já recebíamos o que tínhamos que trabalhar.

D.N. - Como tu escolhias as músicas?

Z.E. - Por gosto. Era muito limitado. No início era só piano.

D.N. - Como tu montavas as coreografias com piano?

Z.E. - A partir do momento que saí do Julinho - trabalhei quatorze anos no Julinho - comecei a trabalhar no CETE. Aliás, tínhamos escolhinhas e montamos até uma “baby class” a partir dos quatro anos de GR. Mas, no CETE, eu tinha uma pianista.

D.N. - Tu lembras o nome dela?

Z.E. - Suzana Menda. Ela montava essas séries através de músicas brasileiras, estrangeiras. Aí era fácil porque ela via a série e tocava de acordo.

D.N. – Então, tu montavas a série e ela encaixa a música?

Z.E. - Às vezes, ela me dava a música e eu montava a série.

D.N. - E no Anchieta também tu tinhas isso? Como tu fazias lá?

Z.E. - No Anchieta, montávamos a música com a Suzana e depois montávamos a série porque nós não tínhamos piano dentro do espaço no ginásio que trabalhávamos. Eu preferia montar a música de acordo com as possibilidades e depois eu montava os exercícios.

D.N - No “ballet” também só podia usar piano, não é?

Z.E. – Piano sem nada. Depois iniciamos com música orquestrada sem voz.

D.N. - No Julinho tu chegaste a trabalhar com GR?

Z.E. – Não. No Julinho não. Só com dança. Lá era só segundo grau. A direção uma vez convidou para fazer um projeto para SEC e nesse trabalho tinha danças folclóricas e dentro da ciência. Então, convidamos alguns grupos de alunos integrados e trabalhamos dentro da dança.

D.N. - Sabemos, pela publicação, que na ginástica moderna houve aquele período considerado de massificação. Tu trabalhavas com esse intuito? Como era? Sabemos que tem a linha da Vera que trabalhava com o GRUGIPA que era um grupo bem famoso na época e que ia como um grupo de apresentação.

Z.E. - Era com meninas adultas, não é?

D.N. - Era com meninas da graduação do IPA. Então, queria saber se teu grupo fez alguma apresentação? Tu trabalhaste nessa linha de massificação?

Z.E. - Sempre na área escolar. Meu objetivo, no primeiro, sempre foi o escolar. Era introduzir todos os que quisessem abrir a porta da ginástica para todas as crianças. Infelizmente, naquela época, só as meninas, porque depois nós queríamos trabalhar com os meninos, mas sempre com massificação. Todo mundo podia fazer sem nenhum objetivo maior.

D.N. - Essa escolinha do Anchieta era em horários contrários das aulas? Valia como aula de Educação Física?

Z.E. – Sim. No primeiro momento sim. Depois começamos a fazer fora do horário escolar.

D.N. - Escolhinhas mesmo. Horários extras...

Z.E. – Aí então já ampliando o grupo que fazia apresentação e só massificação. Nós tínhamos um grupo de apresentação e éramos convidadas a fazer apresentações. Tinha um professor em São Leopoldo que dava em um clube. Aí íamos para fazer umas apresentações, sempre quando eram solicitadas.

D.N. – E o convite era seguido? Tu achas que isso causava um interesse das pessoas pela procura da modalidade?

Z.E. - Dentro das escolas sim. Sempre que fazíamos apresentações dentro das escolas os professores conversam conosco para desenvolvermos lá dentro dessas escolas.

D.N. - Particulares ou estaduais?

Z.E. - Particulares e estaduais. Aí proporcionávamos: “Olha, tem curso de pós-graduação no tal lugar”, “dentro da Federação tem algumas competições”. As primeiras competições que aconteceram no Rio Grande do Sul tinham como objetivo massificar. Tanto que a primeira competição dentro do Rio Grande do Sul tinha muita gente porque o objetivo era que as pessoas conhecessem.



D.N. - Não tinha um nivelamento para participar...

Z.E. - Dentro das Escolas de Educação Física não existia essa disciplina.

D.N. - Só como curso. Buscar como extracurricular. Não era uma matéria dada dentro do curso de Educação Física?

Z.E. - Exatamente, tanto que me formei em 1967 e só chegou ao Rio Grande do Sul em 1972. Mesmo assim com certas dúvidas: “Isso existe mesmo?”. “Existe competição em GR?”. Eram perguntas que os professores da UFRGS faziam.

D.N. - Tu lembras de algum outro apontamento? Como era a divulgação da GR na mídia?

Z.E. - Dificilmente a mídia divulgava alguma coisa que não era do interesse das pessoas. O interesse era futebol. Nem o voleibol era interesse naquela época. O importante é que, depois que teve um interesse da Federação de Ginástica pelas competições - havia uns espaços para competição no jornal - dentro daqueles espaços do jornal eles colocavam as competições. Mas o grande patrocínio da ginástica era o “patrocínio”. Os pais foram os grandes divulgadores para as pessoas: “A minha filha está fazendo”, e, na verdade, o dinheiro era deles. Tinha que fazer a mala, comprar um aparelho. Então, sempre, através do boca a boca e os clubes começaram a se interessar pela GR porque as crianças que faziam GR nas escolas começaram a falar para os pais e os pais começaram a exigir nos clubes. Então, foi uma forma dos clubes começassem a se interessar.

D.N. - Em que década que tu lembras que a GR foi para os clubes?

Z.E. - Eu não trabalhava nos clubes inicialmente. Teríamos que ver dentro da Federação os registros. Deve ter alguma coisa sobre as primeiras competições.

D.N. - O que significou a primeira década para ti?

Z.E. - A partir de 1972, meu foco dentro da Educação Física mudou muito. Vinte e tantos anos de “ballet” clássico. Eu não via muita utilização daquilo que eu tinha aprendido. A partir de 1972, eu pude aproveitar minha orientação em dança para isso. Mudei muito porque a

disciplina do “ballet” é bastante diferente do que se fazia na época. Hoje, se tu queres uma ginasta competindo em campeonatos mundiais, olimpíadas e panamericanos, a disciplina é tão forte como era o “ballet” na época, mas muito dessa disciplina eu pude utilizar nos meus treinos. Quando iniciei na parte desportiva, eu pude ver que o “ballet” dava muita coisa que as ginastas precisavam que as pessoas não tinham se dado conta. No início era proibido usar o “ballet”. No início, o “ballet” era bem longe, não podia nem usar gestos. No treinamento eu já usava. Eu era uma pessoa que tinha muita sustentação de perna, muita flexibilidade e, dentro da GRD, eu estava vendo a necessidade disso. Comecei a criar umas barras de aquecimento. Naquele momento, eu via a necessidade. Quando eu fui nas primeiras competições internacionais, começamos a perceber. Felizmente, eu tive grandes chances por causa dessa preparação. Eu era muito detalhista, com exceção da maça. Quando eu desenvolvia o trabalho de maça, eu queria a alegria das crianças. No CETE, eu trabalhava com todas as crianças mesmo sem saber se elas iam dar para a ginástica, e fazia as músicas que elas gostavam: a chula, atirei o pau no gato, com materiais que eram mais fácil de conseguir, cordas, até com fitinhas na mão, já com objetivo da GR, mas com aparelhos. Depois, no CETE, como era difícil os clubes aceitarem as primeiras competições, começamos a fazer associações esportivas para poder competir. Alguns técnicos conseguiam uma autorização dos clubes para poder competir com o nome deles. Dentro do CETE, se fez uma associação desportiva para poder trabalhar. Então, essas crianças que eram escolhidas ou descobertas, eram levadas para essas associações desportivas que assim poderiam competir. No momento que os clubes começaram a abrir - eu trabalhei no Internacional, como na Sogipa - as escolhinhas eram a massificação. As escolhinhas sempre foram a porta para entrar dentro da GR. Depois dali, os técnicos escolhiam as ginastas. No início do meu trabalho, sempre pensava nas crianças. Depois que comecei a trabalhar como técnica, tive que largar as escolhinhas. Nós viajamos para o mundial com um preparador físico. Recebemos o “patrocínio”. Fomos pelo Uruguai, para o mundial, para Atenas em 1991. Fomos no panamericano, com a Dolores Capulco. A Dolores foi campeã brasileira três anos seguidos. Depois já tínhamos um desenvolvimento. A partir do momento que vimos a exigência maior ainda, porque tu via as ginastas estrangeiras, principalmente da “cortina de ferro”, como se dizia, Rússia e Bulgária, - a Bulgária foi um grande celeiro – nós vimos que tínhamos que mudar muito. E que o desenvolvimento do esporte, foi assim no voleibol, na natação e na GR está sendo assim também. Na GO eles trouxeram alguns técnicos para trabalhar. Na GR é diferente. Nós convidávamos os técnicos para dar os cursos juntos conosco. Trabalhavam aqui e depois a técnica brasileira que ficava trabalhando. Nunca tivemos uma técnica estrangeira que levasse, na verdade, os nossos

ginastas para competir lá fora. Na GO já é diferente. Já tivemos a Daiane levada por esse técnico importado.

[FINAL DO DEPOIMENTO]